



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NATÁLIA PAULA DA CONCEIÇÃO TOURINHO

**AS RENDEIRAS DE SAUBARA - DA EDUCAÇÃO INFORMAL À EDUCAÇÃO
FORMAL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

NATÁLIA PAULA DA CONCEIÇÃO TOURINHO

**AS RENDEIRAS DE SAUBARA - DA EDUCAÇÃO INFORMAL À EDUCAÇÃO
FORMAL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira – UNILAB como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Humanidades, sob orientação da
Profa. Dra. Eliane Costa Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

NATÁLIA PAULA DA CONCEIÇÃO TOURINHO

**AS RENDEIRAS DE SAUBARA - DA EDUCAÇÃO INFORMAL À EDUCAÇÃO
FORMAL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob orientação da Profa. Dra. Eliane Costa Santos.

Data da aprovação: 04/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Costa Santos (Orientadora)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Profa. Dra. Ana Claudia Gomes de Souza (Avaliadora)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Pedro Acosta Leyva (Avaliador)

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Olê, mulher rendera
Olê mulé rendá
Tu me ensina a fazer renda
Eu te ensino a namorá
Olê, mulher rendeira
Olê mulhé rendá
Tu me ensina a fazer renda
Que eu te ensino a namorá
Lampião desceu a serra
Deu um baile no Cajazeiras
Botou as moças donzelas
Pra cantar mulher rendeira
As moçá de Vila Bela
Não tem mais ocupação
Sé que fica na janela
Namorando Lampião
Olê, mulher rendeira
Olê mulhé rendá
Tu me ensinas a fazer renda
Que eu te ensino a namorar
Olê, mulher rendeira
Olê mulhé rendá
Tu me ensinas a fazer renda
Que eu te ensino a namorar.

Cida Moreira (Cg: Na trilha do cinema, 1997).

Esse trabalho enquanto um projeto de pesquisa é dedicado a todas as mestras dos saberes que me inspiraram, a vocês mulheres rendeiras de Saubara em especial minha tia D.Dete (in memoria).

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao meu Senhor Jesus que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis dessa batalha.

Não fui eu que lhe ordenei?
Seja forte e corajoso! Não
Se apavore, nem desanime,
Pois o Senhor. O seu Deus
Estará com você por onde
Você andar
Josué 1.9

Gostaria de agradecer a pessoa que esteve nessa difícil, jornada que não esmoreceu perante o desafio. Que sempre acreditou na minha força de vontade de estudar. O meu namorado meu amigo de todas as horas Fabio Henrique sem você a vida não seria tão boa.

A minha querida mãe que sempre me deu conselhos que me ensinou a ser forte. A sua atenção, compreensão, afeto e honestidade em me educar sempre mostrando o que é certo e o que é errado fizeram de mim o que sou hoje e por isso apenas posso te dizer muito obrigado, amo você.

A minha família o meu padrasto Gilmar minha tia Morena as pessoas que sempre tiveram ao meu lado torcendo por mim. Principalmente a minha amiga Helen dando o seu apoio incondicional pelas leituras sugeridas, por todas as conversas esclarecidas, e pelos momentos de descontração em meio aos estudos.

A minha amada orientadora não poderia esquecer apesar de termos nos conhecidos pouco tempo uma pessoa especial que Deus colocou na minha vida!

Obrigada pelo estímulo.

A banca que aceitou o convite para ler o que escrevo e me ajudar a crescer – Muito grata!

Agradeço especialmente a colaboração de todas as rendeiras entrevistadas para este projeto, sem a participação dessas senhoras não seria possível a realização desse trabalho – com certeza esse trabalho é meu, mas é de vocês também rendeiras que muito me inspiram.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	DE ONDE FALO?	8
2	JUSTIFICATIVA	9
2.1	AS RENDAS NA EDUCAÇÃO INFORMAL	9
3	METODOLOGIA	10
3.1	CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS	11
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – AS RENDAS QUE ME CERCAM	12
4.1	PROBLEMÁTICA	16
5	OBJETIVO GERAL	18
5.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
7	CRONOGRAMA DO PROJETO A SER DESENVOLVIDO	20
	REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

Não teria como começar esse trabalho sem começar falando dessa minha relação de vida com as rendeiras, para que o leitor possa se situar de qual local falo, o que me fez escolher esse tema. E o olhar que tenho acerca das rendas, das rendeiras, a importância desta e como esta pode contribuir com a educação formal.

1.1 DE ONDE FALO?

Essa pesquisa será feita na Associação dos artesãos de Saubara, um espaço feminino fundado em 31 de agosto de 1999, com a sua sede própria na Rua Francisco Borges dos Reis, Rocinha, Saubara - Ba, sendo construída por 45 artesãs sócias e seus respectivos artesanatos. Em conversa com a mestra de saber Maria Rendeira, essa me informou que a associação é formada por 120 artesãs sócias, tendo uma divisão de 95 artesãs de renda e 25 de palha. Nesse ambiente, as rendeiras confeccionam Renda de Bilros e os trancados de palha de Ouricuri. A associação fica no município de Saubara-Ba, localizado no recôncavo da Bahia a 100 km de Salvador.

Minha relação com a renda e as rendeiras começou por meio de uma tia minha – já falecida – chamada popularmente por “Dona Dete”. Eu sempre a acompanhava em toda sua luta para complementar seu faturamento mensal, tanto com os mariscos quanto com a produção de renda. A todo momento, ela falava que a renda mudou a sua vida, financeiramente e espiritualmente. Sei que ela fazia o que gostava, pois quando trabalhamos fazendo o que gostamos a carga da função é menor.

Figura 1 - Rendeira D. Dete



Fonte: Adailton Nunes. Artesanato em Nova Versão: a Moda de Márcia Ganem e as Rendeiras de Saubara p. 132

Apesar de gostar de outros tecidos, para mim a renda de bilros é especial por trazer lembranças da infância - a mesma faz parte da minha raiz; vem do meu sague. Nesse sentido quero pesquisar as rendeiras, pela memória e pela relevância social dessa profissão que carrega um caráter comunitário de uma profundidade imensa. Conhecer o histórico da vida das rendeiras de Saubara, o fazer do dia a dia delas, me interessa especificamente visibilizar ainda mais esse trabalho, perante a uma sociedade onde não há valorização da cultura local e, mais ainda, onde a propagação do processo desigual – tanto no gênero, quanto em relação às classes sociais – continuam vigente.

2 JUSTIFICATIVA

Tenho ciência o quanto ao cozer uma renda, essas mestras apontam fatores educacionais que poderiam contribuir com o currículo da educação básica e ou EJA. Esse fator por si só justifica a relevância de um projeto de pesquisa na sociedade das artesãs de Saubara, para levantar esses saberes e fazeres, na perspectiva de levar para educação formal, de forma a contribuir com as discussões locais em diversas áreas do conhecimento.

2.1 AS RENDAS NA EDUCAÇÃO INFORMAL

Para além da confecção das rendas, as rendeiras ensinam aspectos de caráter educacional e social. Sem muita pesquisa, a priori, no sentido educacional, a partir de trabalhar com elas fica muito mais fácil o aprendizado para a valorização de um trabalho cultural local, com especificidades metodológicas, a exemplo da musicalidade – utilizadas pelas mesmas cotidianamente. No viés social, a ideia de se tratar de uma profissão chefiada por mulheres marisqueiras que outrora não possuíam inserção na sociedade, faz com que fatores como gênero, inserção social, educação e trabalho se concentrem numa perspectiva global.

O ensino cultural e a valorização das artistas têm o poder de integrar os diferentes saberes e levar discussões à comunidade sobre diversos temas tanto da educação formal quanto educação informal, entre tantos outros a contagem, histórias dos povos, musica, geografia local; porém, para que isso ocorra, é importante que haja, estudo local das rendas e suas potencialidades para quiçá, possa levar até a capacitação da comunidade, em específico – adultos e jovens em fase de escolaridade e ou evadidos por não se identificar com essa

educação. Também essa pesquisa pode ter o alcance e contribuir para promover a troca de conhecimentos entre alunos da cidade local com alunos de outras cidades os quais a família também são rendeiras.

Tomo como hipótese que, a essa pesquisa pode alcançar as organizações culturais patrimoniais, possibilitando trocas com outras culturas de artesãs, para aplicar o conhecimento, priorizando a transformação de saberes, a fim de mostrar no contexto cultural outros saberes que podem ir para educação formal, com atividades tais quais: pintura, desenho, lógica do trançado, agindo diretamente no desenvolvimento cognitivo e entre outros fatores psicológicos, tendo como base fundamental a importância e valorização do artesanato em específico das rendas no município de Saubara.

Também, é necessário relatar que infelizmente a geração mais nova pouco se interessa por essa profissão e por essa cultura da renda, gerando assim uma grande preocupação em relação à perda dessa cultura dita “branca”, que foi ressignificada por mulheres negras nordestinas. Atualmente em Saubara a Associação dos Artesãos de Saubara juntamente com o SEBRAE disponibiliza cursos de renda para a comunidade local que, além de impulsionar a economia regional, repassa a cultura que vem se perdendo ao longo dos anos. Então, a renda nordestina é resistência, cultura, identidade, empregabilidade, sustento e demais aspectos sociais os quais perpassam gerações. Hoje temos em Saubara uma associação que cuida dessas rendas e desses artesões.

3 METODOLOGIA

Pensar em um método e um caminho nesse para esse método demandou um tempo para pensar além do qualitativo o que levaria a um estudo de caso em uma comunidade de artesãs, o qual dê conta das especificidades de um espaço construído por mulheres, de um trabalho que tem uma base, uma raiz e um levantamento de saberes que possam ir para a educação formal.

Assim delinee os caminhos a serem percorridos.

3.1 CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS

Para esse estudo de caso além da metodologia qualitativa, terei como base a etnopesquisa (Macedo, 2015), as rodas de conversas (Freire, 1996), com a preocupação da não alteração do espaço, pois individuo exterior desconhecido assim o faz (Geertz, 2013).

Corroborando com Macedo (p. 11) acerca da ideia de etnocurrículo e etno aprendizagem, o autor nos apontam que o currículo não é apenas a gestão da aprendizagem nas instituições educacionais, e não seriam artefatos e pautas pedagógicas legitimadas apenas por especialistas e por autoridades educacionais asseguradas por aparelhos ideológicos institucionalizados, mas sim por todos os mestres dos saberes e dos fazeres, dessa forma faço analogia à educação proporcionada pelas rendeiras de Saubara no momento em que elas estão a cozer. Macêdo (2015) me permite dizer que as mestras dos saberes das rendas por legitimam todos conhecimentos, não apenas informal, que naquele instante pode ser adquirido.

Nesse sentido os caminhos a serem utilizados para observar o que de educação há nas rendeiras da Associação de Rendeiras de Saubara será dado de forma qualitativo e etnográfico (GEERTZ, 2013).

Ou seja, será uma tríade que se comunicam:

1ª. Fase

- Faremos levantamento de dados por meio de autores que já discutem tear, tramas, rendas, bem como ,tomaremos como categoria prévia de análise alguns conceitos como arte; artesanato ; colonialidade ; decolonialidade; educação formal; educação informal .

2ª. Fase

- Acompanharemos diretamente as mulheres da associação por 1 ano.
- Faremos rodas de conversas, para levantar todos os saberes e fazeres existentes no cozer dessas rendeiras e o histórico de luta dessas mulheres.

3ª. Fase

Faremos análise a partir das falas dessas produtoras de saber, na perspectiva de levar esse saber para a educação formal.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – AS RENDAS QUE ME CERCAM

O artesanato renda de bilros penetrou no Brasil como trabalho escravo, trazido pelos Portugueses para adornarem as roupas das mulheres imperiais da época (Ramos, 1948). Em Saubara, os primeiros colonizadores usavam a mão-de-obra feminina para confeccionar Renda de bilro, passando de geração a geração (Salles, 1986).

Figura 2 - A - Vestido de renda; B - D. Dete; C - Marisqueiras; D - Casa das Rendeiras; E - Igreja de São Domingos de Gusmão /Saubara



Fonte: acervo da autora.

Fazer renda, rendar, renda de almofada, renda de bilro, são os vários nomes para definir esta atividade. A origem da palavra renda não é bem conhecida. Aparece como dissimilação do espanhol “randa”, que veio do provençal “randa” – adorno, de verbal de randar, adornar. O significado da palavra renda aparece, como:

[...] tecido de malhas abertas e com textura geral delicada, cujos filis (de linho, algodão, seda, etc.) trabalhados à mão ou à máquina, entrelaçam-se formando desenhos e que é usado para guarnecer ou confeccionar peças de vestuário, alfaias, roupas, roupa de cama e mesa, etc. (FERREIRA, 1986)

A invenção da renda, não é possível precisar especificamente o local de origem, mas, segundo Fleury (2002) tem-se como época de sua criação o fim do século XV. O autor traz que existem dois tipos de renda, o de agulha e a renda de bilros, estima-se que ambas tenham surgido na mesma época. Tanto Bonatelli (1956) quanto Mendonça (1961), provavelmente, apontam essa época de criação e traz a Itália setentrional como o berço da renda de bilros e Veneza, o de renda de agulhas. Bonatelli (1956, p.3) conta que muitos historiadores consideram Veneza o berço da renda de agulha. A história registra indícios de fabricação de renda em Veneza no ano de 1536.

Segundo Bonatelli (1956, p.2), a técnica surgiu no fim do século XV ou no começo do século XVI como uma forma de —quebrar a monotonia do bordado, passando a ter como matéria de confecção unicamente a linha, que com trançados combinados formam um tecido.

Há diversos mitos que se referem a essas rendas. Tem-se o mito de Penélope:

No mito grego Penélope espera a volta de Ulisses, o herói conquistador que se perdeu por horizontes longínquos e tarda em voltar. Mas Penélope não tece para se distrair. Tece com o pretexto de enganar seus pretendentes, que, certos da morte de Ulisses, a pressionam contrair novas bodas. Ela decide então começar a bordar um tapete e só ao término do trabalho fará sua escolha, a escolha do pretendente. A estratégia de Penélope, como sabemos, era outra. O que ela tecia durante o dia, desfazia durante a noite, adiando indefinidamente o término do trabalho e a escolha do novo consorte. Mas Penélope esperava por Ulisses, sabia de intuição profunda que o marido, não só não havia morrido como haveria de voltar, e então sua longa espera seria recompensada e sua paciência estaria francamente justificada. (ALMEIDA, 2003 p.7).

Há outro mito de Veneza contado por Mendonça (1961)

Certo pescador partiu para longa viagem aos mares orientais. Mas antes da partida, confiara à sua noiva um ramo de coral delicadamente cortado. Para encher o vácuo de sua solidão infinda, teria a jovem procurado imitar com a agulha, num rendilhado lindo, a preciosa lembrança. Entretanto, não o conseguia porque a complexidade do desenho dificultava-lhe a tarefa. Então, tomando os fios entre as próprias mãos, entrelaçou-os e os dispôs de tal maneira que teceu, sem o auxílio da agulha as malhas e o desenho ornamental. O amor e a saudade teriam produzido a renda maravilhosa. (MENDONÇA 1961, p.45).

As rendeiras na sua grande maioria são esposas dos pescadores, inclusive para complementar a renda familiar, além de rendeira são marisqueiras.

A renda é uma obra na qual um fio é conduzido por uma agulha, ou são vários fios trançados por meio de bilros que engendram um tecido e produzem combinações análogas às que os desenhistas obtêm com o lápis (Apud BONATELLI, 1956 p.2).

Segundo Arthur Ramos, a renda pode ser considerada como um fio enrolado sobre si mesmo, sem fundo de tecido pré-existente, de maneira a formar, ou uma retícula simples, ou um desenho mais ou menos complexo. Neste caso a renda é tão antiga quanto o bordado. (RAMOS 1948, p.12)

Do ofício de rendeira, ouviu-se falar em Portugal, segundo Mendonça (1961, p.46), foi Flandres o lugar de origem da renda de bilro - existe um quadro de 1495, de uma jovem fazendo renda numa almofada semelhante às almofadas belgas mais atuais.

A partir do século XVII a renda já era bem difundida na França, pelas castelãs de maridos que foram para as Cruzadas. As monjas também se valiam da renda como ocupação nos conventos. A renda popularizou-se na Europa, como adorno masculino e feminino, usado tanto na Corte como fora dela, em templos e altares. Os reis e rainhas, damas e nobres, sacerdotes e enófilos, todos utilizavam a renda, por isso tornou-se artigo de luxo. Após a Revolução Francesa o uso diminuiu, mas logo voltou ao uso. A renda era artigo de luxo, em golas, punhos, peitilhos, blusas, dentre outros (BONATELLI, 1956).

Em Portugal a produção de renda também se propagou e, em certos lugares, era uma indústria bastante lucrativa. Constitui-se numa indústria caseira e é feita tradicionalmente por mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. São, por muitas vezes, esposas e filhas de pescadores, daí o aforismo apontado por Fleury (2002) – Onde há redes, há renda.

A escassez de produção bibliográfica não me permite afirmar quando teve início essa arte no Brasil, mas conta as mais velhas rendeiras de Saubara que a renda de bilros veio para o Brasil pelas religiosas portuguesas, mulheres que se dedicavam a esse ofício. Reafirmando esse pensar a produção segue as características de Portugal, de ser produzida eminentemente por mulheres esposas e/ou filhas de pescadores ou camponeses (BONATELLI, 1956).

A renda de bilro perdeu a cultura portuguesa e difundiu-se mais do que os outros tipos de trabalhos manuais entre as mulheres das camadas pobres das zonas litorânea e sertaneja do nordeste.

Figura 3 - Bilros com linhas



Fonte: Acervo da autora.

Segundo Salles (1986, p. 106) a confecção da renda espalhou-se pelo Brasil, tendo como focos principais o Nordeste e Santa Catarina. Foram detectados, em menor escala, produções em São Paulo, Minas Gerais, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Piauí, Maranhão, Bahia e Sergipe. A região por excelência das rendas de bilros é a região nordeste, mais particularmente o litoral e o sertão do Ceará.

Há também as mulheres rendeiras que saem de casa para dedicar-se ao ofício de marisqueiras, essas delegam suas funções de dona de casa e seguem para uma vida mais autônoma, também provedora do lar, assim como seus maridos pescadores. Outras são rendeiras por aptidão e decisão, são profissionais da renda, vivem disso, e disso tiram seu sustento e de suas famílias.

A mulher rendeira e seu universo de trabalho transformam-se em um símbolo cultural no espaço que vivem, são símbolo de resistência, tradição e cultura artesanal. A arte resiste bravamente ao passar dos anos e a técnica é repassada de geração a geração.

A identidade e a apropriação dessa cultura é quase que involuntária. Fazer renda pode ser uma ação coletiva, muito embora seja um trabalho individual. A cultura rendeira requer pessoas, requer rendeiras. Não é um processo solitário, se constitui em uma atividade que, mesmo que individual, é compartilhada.

4.1 PROBLEMÁTICA

A cultura da renda chegou ao Brasil de acordo aos padrões da modernidade europeia, já que o intuito era inserir a cultura da renda de Portugal no Brasil, a fim de que as mulheres pudessem produzir um material refinado e que estivesse dentro dos estilos modernos. Com essa inserção da renda portuguesa no Brasil, em especial na região nordeste, houve uma ressignificação dessa maneira de trabalho – a priori, artesanal – realizado por mulheres inicialmente da classe alta, e que, posteriormente, foi sendo adaptadas as realidades das mulheres negras - ex escravizadas, marisqueiras e demais nordestinas (SALLES,1986).

Com a maré vermelha que ocorreu na Baía de Todos os Santos em 2007 - fenômeno que afetou todos os municípios que estão a cerca desta Baía inclusive na cidade de Saubara – houve um grande desequilíbrio ambiental, o qual gerou a mortandade de peixes e derivados do mar, especiarias estas que eram e são responsáveis pelo sustento de muitas famílias dessa região. Com este triste acontecimento eis que surge uma maior necessidade de subsistência e sobrevivência dessas famílias do território pesqueiro e, então, as mulheres rendeiras começam a ter um papel maior, muito importante para a geração de renda das suas famílias e a movimentação desse comércio artístico/artesanal.

O fazer renda vai desde a motivação até a habilidade. Mesmo em movimentos automatizados, daqueles que já fazem a muito tempo, identificamos as motivações que vão desde o contexto histórico-cultural ao financeiro.

Um outro fator muito importante é a educação informal que é percebida nessa profissão, no geral, as mulheres rendeiras, com suas mãos ágeis, fazem músicas ritmadas dos bilros que trançam e se tocam, trazendo harmonia e beleza nas rendas que se formam ponto a ponto, acompanhados pelos olhos atentos e o sorriso largo das artesãs. Com isso,

Dançando ao próprio som que fazem ao se chocarem uns aos outros, os bilros seguem o comando das mãos, mas também da mente da rendeira que – como revelado por elas mesmas- se divide entre a atenção e o divagar; um exercício e uma ocupação. (Leahy,2012, p.132.)

Um outro saber observado é que, os alfinetes e os palitos, ferramentas fundamentais para a confecção da renda, junto com a linha traz como resultado utensílios úteis como cestas, fruteiras bandejas, porta prato e outros, além das peças de roupas.

Em conversa com a Maria das rendeiras em 2018

Nossas produções são renda de bilro ao metro e na confecção com tecido, como coleção cama mesa e banho jogo de lençol, toalha de mesa centro de Mesa, caminho de mesa pano de bandeja, pano de vinho, guardanapos toalha, de banho toalha, de lavabo e outros. Tendo ganhado a confiança no mercado e o reconhecimento da comunidade de outras cidades, e até estados e países, tivemos a necessidade de desenvolver cursos com criança, adolescentes e adultos da comunidade, para que possamos continuar o trabalho artesanal na região, assim não deixando se perder no esquecimento dos antepassados. Já o artesanato da palha de Ouricuri, tem o trançado mais expressivo de Saubara; tem como matéria prima as folhas da palmeira do *Ouricuri*¹. As palhas dessa palmeira são fontes de trabalho de grande número de homens e mulheres de Saubara. Inicialmente o trançado em Ouricuri era caracterizado pela produção de mocó, chapéu; hoje as artesãs da associação utilizam tanto a palha grossa quanto a fibra nova.

É importante registrar a especificidade do modo de vida da comunidade em geral, já que se trata de famílias que extraem do meio ambiente a própria alimentação, seja pela agricultura de subsistência ou pela coleta artesanal; no caso das artesãs que produzem trançados, essa relação com o meio ambiente estende-se a matéria confecção ou de sua produção. Vale também ressaltar que todas as artesãs são marisqueiras, pois o artesanato hoje é um complemento na vida familiar de cada uma delas.

Por se tratarem de artesanatos tradicionais da comunidade, existiu – por parte das mulheres rendeiras – a necessidade de parceiros para continuar o desenvolvimento sustentável da associação. Portanto, foi importante solicitar o apoio de empresas para a preservação de artesanatos que vêm sendo trabalhados nessa entidade. Essa parceria com as empresas, contribuiu para que as artesãs, que são detentoras de um conhecimento acumulado ao longo de sucessivas gerações, começassem a transformar suas vidas, melhorando as condições de produção e de comercialização de seus trabalhos.

Nesse sentido o presente projeto de pesquisa visa analisar e expandir por outros caminhos a importância da renda de bilro, nesse sentido é que nossa pergunta de pesquisa se delinea, como e em que medida, o trabalho das rendeiras pode estar tanto em Cultura quanto em educação?

¹ Planta originária da mata atlântica Brasileira; uma das principais palmeiras da região semiárida do Nordeste Brasileiro.

Nesse sentido, até onde vai a valorização das rendas das mulheres rendeiras de Saubara? Como se dá a valorização local dessa tradição? Como leva-las até a educação formal? Em outras palavras temos a preocupação de pesquisar se os valores simbólicos e culturais dessas rendas podem chegar até a sala de aula.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Tendo em vista que as rendeiras não se reconhecem enquanto artistas- mestras de saberes, por conta de um processo de subalternização do seu trabalho – já que a arte sempre foi conceituada como algo erudito e inacessível para camadas mais populares. Gombrich (2015) ressalta em seu livro “história da arte” que a arte pode significar diversas coisas, em tempo e lugares diferentes. Estas artistas, produtoras rendeiras, trabalham cada vez mais pois a demanda começou a aumentar e a produção artesanal necessita de mais tempo. Comparada a produção industrial das grandes fábricas, este processo gerou uma dicotomia no comércio rendeiro - as grandes indústrias, copiou o design, começou a produzir com maior rapidez e em grande escala, diminuindo o preço do produto e possibilitando mais vendas as grandes marcas de grifes, gerando uma desvalorização no preço da renda artesanal.

Nesse sentido temos como objetivo geral fazer um estudo de caso com as rendeiras de Saubara levantando seus saberes e fazeres; sua relação com a educação informal e como ser inserida educação formal.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como se dá a valorização tradicional das mulheres rendeiras no município de Saubara/Ba, na perspectiva da ressignificação da cultura da renda.
- Levantar quais os saberes e fazeres existem nessa profissão.
- Prospectar como fazer a transposição didática desses fazeres da educação informal para a educação formal, em específico para a EJA - Educação de Jovens e Adultos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na estrutura de um projeto, quebraremos as características formais pela necessidade de chamar a atenção da relevância que é projeto em específico para a população rendeira, visto que essas mulheres são postas desde a colonização em um espaço de invisibilidade e desvalorização, de saber. Isso pode ser afirmado pois para que as rendeiras continuassem a sobreviver do seu trabalho, acabavam sendo obrigadas a comercializar seus produtos com um valor baixo, dando a oportunidade ao comprador de larga escala de superfaturar em cima do trabalho das mesmas, sem perceber os signos e símbolos ali existentes, sem perceber tanto o valor cultural quanto o valor simbólico e afetivo muita das vezes existentes em um tecer. Nesse tecer é envolvido muitos conhecimentos dito da educação informal que talvez ao ser levado para a educação formal pode mudar uma estrutura de decolonialidade do saber em específico dessas mulheres rendeiras e toda sua família. Consideramos, portanto, que buscar essas rendeiras, vivendo o seu dia a dia e levantar dela os saberes e fazeres podem significadamente contribuir com a visibilidade de outros valores nessas rendas ainda não percebidos e não demarcados a significância inclusive da potencialidade de contribuir pelo menos com a educação de Jovens e adultos Sabarenses.

7 CRONOGRAMA DO PROJETO A SER DESENVOLVIDO

Atividades	2019 – 2021			
	1º semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Levantamento de dados bibliográficos com fichamento	X	X	X	
Acompanhamento das rendeiras		X	X	
Roda de conversa		X	X	
Análise dos dados			X	
Redação parcial do trabalho	X	X	X	X
Apresentação parcial interna (semana Universitária)			X	
Redação Final e Entrega, defesa				X

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. C. **Genealogias femininas em O Penhoar Chinês de Rachel Jardim**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 28, p. 7-30, 2003.
- ALMEIDA, J. D. **Modelagem situada de metodologia da Oficina de Desenho de Renda de Bilro**. 2010. Natal: 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.
- BONATELLI, M. J. **As rendas**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia, 1956.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2^a ed.(rev. e aum.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLEURY, C. A.E. **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: expressão artística de um povo**. Dissertação, Universidade do Rio de Janeiro, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**, LTC, 2013.
- GOMBRICH. E.H, **História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2015. P. 688
- LEAHY, R. C. **Artesanato em Nova Versão: A Moda de Márcia Ganem e as Rendeiras de Saubara**. Revista Interdisciplinar de Gestão Social, Salvador, v. 1, p.127-139, 2012.
- MACEDO, R. S. A.; SA, Silvia M. M. de. **Etnocurriculo- etnoaprendizagem. A educação referenciada da cultura**. São Paulo. Edições Loyola ,2015.
- MENDONÇA, M. L. P. **Algumas considerações sobre rendas e rendeiras do nordeste**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1961.
- RAMOS, A. **A Renda de Bilros e sua aculturação no Brasil** / com Luiza Ramos Rio de Janeiro, Publicações da Sociedade Brasileira e Antropologia e Etnologia, 1948.
- SALLES, V. J. **Artesanato Brasileiro: rendas**. Rio de Janeiro: Ed. Funarte, 1986.
- SANTOS, E. C. **Os Tecidos de Gana como atividade escolar: uma intervenção etnomatemática em sala de aula**, São Paulo, 2008.